

Globalização, cultura e sociedade da informação

Ana Maria da Silva Rodrigues¹, Cristina M. V. Camilo de Oliveira²,
Maria Cristina Vieira de Freitas³

Apontam-se algumas reflexões acerca do processo de mundialização da cultura, situando-a no contexto da globalização da economia e do surgimento das novas tecnologias de informação. Em meio a esse processo, encontra-se o homem, criador e criatura, responsável pelo produto de sua ação consciente no mundo e inserido no corpo social.

Palavras-chave: globalização, sociedade da informação, cultura, identidade cultural.

Da minha aldeia eu posso ver o mundo. Sou do tamanho do meu pensamento e não da minha altura.

Fernando Pessoa

97

1 Introdução

O presente artigo tenta refletir sobre globalização, mostrando que ela se insere no quadro das transformações econômicas das últimas décadas do século XX, que trouxeram ao homem nova visão de mundo e nova forma de inserção no meio social. No bojo das transformações encontra-se a cultura, enquanto produto humano historicizado e por vezes submetido ao imperativo do que se convencionou designar nova ordem mundial. Se, por um lado, fica claro que as sociedades contemporâneas vêm sendo moldadas de acordo com as regras da sociedade global – aqui compreendida enquanto processos, estruturas de diversas ordens, que funcionam por vezes de modo desigual e contraditório –, por outro, urge tentar decifrar o papel do homem que se forma e ocupa o seu espaço enquanto cidadão, no mundo sacudido por tantas transformações. Haverá alguma possibilidade de inserção crítica desse homem, ou os fenômenos de tendência mundializante, que agora são percebidos com muita intensidade, sufocarão as possibilidades locais de manifestação da identidade social e mesmo de resistência cultural? O futuro revela-se incerto, as tendências amplas e variadas... Certo, no entanto, é o fato de que o homem é o protagonista máximo nas cenas do cotidiano que ele próprio descortina. Isso não pode ser perdido de vista na sua própria análise.

¹ Docente do Departamento de Educação Física da UFPI - Doutoranda em Ciência da Informação/UFMG; nina@eb.ufmg.br

² Bibliotecária da Fundação Comunitária de Ensino Superior de Itabira – FUNCESI; cristina.silveira@funcesi.br

³ Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica - MG/UNED de Araxá; cristina.aax@terra.com.br

2 Globalização enquanto processo

O que é globalização? Existe mesmo uma sociedade globalizada?

Muitos autores consideram que sim. ORTIZ (1994), entretanto, é cauteloso, embora compreenda que várias situações e vivências cotidianas levam-nos a pensar que estamos vivendo essa realidade. É a chegada do mundo até nós. Sem sairmos de onde estamos, podemos estar onde quisermos. Quebraram-se as barreiras do tempo e do espaço. Para IANNI, *"a Terra mundializou-se de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir mais plenamente sua significação histórica"* (apud ALVAREZ, 1999, p.97).

De fato, o termo globalização tem sido usado para

"caracterizar um conjunto aparentemente bastante heterogêneo de fenômenos que ocorreram ou ganharam impulso a partir do final dos anos 80 - como a expansão das empresas transnacionais, a internacionalização do capital financeiro, a descentralização dos processos produtivos, a revolução da informática e das telecomunicações, o fim do socialismo de Estado na ex-URSS e no Leste Europeu, o enfraquecimento dos Estados nacionais, o crescimento da influência cultural norte-americana etc. -, mas que estariam desenhando todos uma efetiva 'sociedade mundial', ou seja, uma sociedade na qual os principais processos e acontecimentos históricos ocorrem e se desdobram em escala global". (ALVAREZ, 1999, p. 97)

Diante da definição do autor percebe-se que falar de globalização envolve vários fenômenos – de caráter político, social, econômico e cultural – que vêm acontecendo ao longo dos anos e têm sido percebidos mais fortemente nas últimas décadas, em escala mundial. Percebe-se, que a globalização deve ser vista como processo, como algo inter-relacionado e, por conseguinte, muito complexo. Nos últimos anos, vários estudos têm sido apresentados sobre o tema e alguns pontos de reflexão se nos apresentam. Trata-se de revolução ou evolução do contínuo processo de desenvolvimento das civilizações? É algo que tem como culminância a integração das nações, com a conseqüente quebra de barreiras e diferenças, ou é algo que veio para romper com o sonho de planeta-nação e aumentar as diferenças entre os povos?

Para SANTOS (2000) a globalização constitui-se numa revolução que se projeta como fator de discriminação e de aprofundamento das diferenças sociais. Desse modo,

"...marca a ruptura nesse processo de evolução social e moral que se vinha fazendo nos séculos precedentes. É irônico recordar que o progresso técnico aparecia, desde os séculos anteriores, como uma condição para realizar essa sonhada globalização com a mais completa humanização da vida do planeta. Finalmente, quando esse processo técnico alcança um nível superior, a globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade".
(p. 65)

Decerto que não se trata de algo novo. O que se vive é resultante do processo de modernização da sociedade ocidental (ALVAREZ, 1999; CASTELLS, 1999a; ORTIZ, 1994). E, por constituir-se em fenômeno tão complexo, muitas análises tendem a reduzir todo o processo à visão eminentemente economicista, porque parecem compreender que as *"transformações econômicas repercutem automaticamente no conjunto da sociedade, devendo todas as demais esferas se adequarem aos imperativos da economia de mercado mundializada"* (ALVAREZ, 1999, p.98).

ORTIZ (1994) discute este fato e chama a atenção para a necessidade de se ter postura mais crítica, pois a interação entre as dimensões econômicas, políticas e

culturais não pode ser negada ou esquecida. Além disso, as relações que se estabelecem estão longe de se acomodarem a qualquer tipo de determinismo. A emergência e/ou existência da sociedade globalizada não ocorre de maneira uniforme, até porque o mundo é composto de nações vivendo diferentes estágios de desenvolvimento. Nesse sentido, à globalização não deve ser vista como processo homogêneo, que levaria à expansão e à uniformização em todas as sociedades. Ao contrário, o que se tem é o processo de desenvolvimento social bastante descontínuo, seletivo e excludente.

CASTELLS (1999a), por sua vez, considera que o momento atual é percebido através da mudança em nossa cultura material, como resultado do novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação. Esse paradigma tem como pressuposto a aplicação de conhecimento na geração de novos conhecimentos e dispositivos, num contínuo de inovação, uso e processamento da informação. O autor considera que o processo não se dá de forma homogênea, admitindo, pois, a existência de várias sociedades da informação, com suas diversidades e especificidades.

GUEDES e PAULA (1999) defendem que a compreensão do conceito de sociedade da informação ocorre a partir de critérios não mutuamente excludentes – tecnológico, econômico, ocupacional, espacial e cultural – que a distinguem de outros tipos de sociedades. A compreensão de sociedade da informação ressalta as inovações tecnológicas, nas quais o avanço do processamento, do armazenamento e da transmissão de informação resulta no uso dessas tecnologias em todas as esferas da sociedade. A informação passa a ter valor econômico tal, que permite qualificar e quantificar as sociedades, conforme o seu acesso à informação e seu uso. Assim, percebe-se na sociedade da informação uma mudança ocupacional, com o predomínio de funções e cargos na área da informação, cuja ênfase reside nas redes que conectam as localidades, o que desencadeia nova ordem conceitual de espaço e tempo. Consequentemente, os fatores culturais sofrem transformações visíveis nas vivências cotidianas, pelo aumento da circularidade da informação, da influência da mídia e da profusão de significados simbólicos que envolvem o indivíduo. Entretanto, GUEDES e PAULA (1999) questionam a existência da sociedade da informação e, ainda, a existência de revolução. Consideram que haja apenas continuidade no processo de desenvolvimento da sociedade, não acreditando que as novas tecnologias de comunicação e informação possam ser a força propulsora para a nova era. Questionam, sobretudo, a coerência da abordagem centrada no determinismo tecnológico, até porque essas tecnologias não são compartilhadas por todas as sociedades (ou por todos em dada sociedade).

Ao caracterizar a sociedade da informação verificamos que o processo de globalização e a caracterização de sociedade dele resultante ainda se apresentam bastante imprecisos. Embora percebamos que algo esteja acontecendo, torna-se difícil delimitar e apresentar visão clara do fenômeno. Qualquer leitura desses acontecimentos acaba por privilegiar uma dimensão, quer seja econômica, tecnológica ou cultural.

Decerto que o momento atual tem gerado mudanças sociais que apresentam as tecnologias de comunicação e informação como fatores importantes, mudanças estas ocorridas muito mais pela forma como as tecnologias estão sendo utilizadas, na



medida em que, uma vez incorporadas ao cotidiano, elas exigem competências e habilidades que muitos não possuem, gerando o desemprego. Acrescente-se o fato de que tudo isso tem acentuado as desigualdades sociais, pois a informação advinda do acesso e uso eficientes das tecnologias de comunicação e informação assume valor econômico, gerando as distinções sociais. Daí afirmar-se que atualmente quem tem a informação detém o poder.

Para SANTOS (2000, p. 69) o mundo atual está unificado por técnicas, transmitindo a idéia de ação humana mundializada, com culturas e informações integradas, mas que, na realidade, possui ideologia baseada na dupla tirania do dinheiro e da informação, que solidificam a globalização perversa, causando exclusões política, econômica e social acentuadas. O autor afirma que as desigualdades resultantes de todo esse processo mundial, em meio século, contemplaram os países subdesenvolvidos com, pelo menos, três formas de pobreza: incluída, marginalizada e estrutural. A primeira, seria a *"pobreza acidental, às vezes residual ou sazonal, produzida em certos momentos do ano, uma pobreza intersticial e, sobretudo, sem vasos comunicantes"*. Outra, bastante estudada, é a chamada marginalidade, em que países são postos à margem devido ao processo econômico da divisão do trabalho – internacional ou interna. Esta última, apesar de bem mais complexa, é percebida como processo reversível, sendo que a mudança estaria a cargo dos governantes. No presente, contudo, o que temos refere-se a um outro tipo de pobreza, a estrutural, que do ponto de vista moral, equivale à uma dívida social. É a pobreza que está sendo disseminada globalmente, embora mais presente nos países subdesenvolvidos.

Por conseguinte, o autor considera que a globalização e suas conseqüências constituem muito mais produto da ideologização de grupos hegemônicos do que de contingências históricas. Estamos vivendo uma fase de transição, em que se percebem vários sinais de resistência (movimentos paralelos), sendo que as populações envolvidas no atual processo de exclusão (pobreza estrutural) podem constituir-se em focos de mudança. A compreensão do que está ocorrendo atinge com clareza crescente os pobres e os países pobres, cada vez mais numerosos e carentes. É provável que a partir da percepção de escassez ou exclusão possa acontecer uma tomada de consciência. É no homem, pois, que reside a esperança de construção do novo mundo, e não na atual política de desenvolvimento sócio-econômica e técnico-informacional. A vivência globalizada ocorre no cotidiano. É difícil perceber o mundo globalizado (em suas diferentes instâncias) que não seja pelo acesso ao novo, pela compreensão, aceitação e assimilação desse, por parte das pessoas (sujeitos da história) inseridas no contexto.

3 Identidade cultural na era da globalização

Dentro desse panorama, referente à globalização enquanto processo político-econômico em escala mundial, o homem vê-se diante da crise que atinge também a esfera sócio-cultural – ainda que o alvo imediato não tenha sido esse –, alcançando o espaço de construção e manifestação das diversas identidades culturais, nos níveis local-regional e mundial e impondo muitas vezes mudanças na sua trajetória.

Quanto a isso, CASTELLS (1999b) lembra que, atualmente, nossas sociedades estão-se estruturando em oposição bipolar entre a *rede* e o *ser*. E, dentro desse

contexto, marcado pela desestruturação das organizações sociais em todos os níveis, a identidade surge como fonte de significado. Assim, se por um lado as tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais, por outro, a tendência social e política características da década resultam em construção da ação social e das políticas em torno das *identidades primárias*.

Então, fica claro que, para compreender e situar o homem no palco das transformações sociais resultantes das novas tecnologias de informação, desenvolvidas sobremaneira no último quartel do século que finda, é necessária reflexão à luz de determinados conceitos, que dão conta de identificar fenômenos como a internacionalização, a globalização e a mundialização, sobretudo quando se percebe que a literatura acadêmica disponível sobre o tema muitas vezes diverge em suas próprias análises. PAIVA (1998) mostra que a mundialização deve ser compreendida historicamente como ampliação das fronteiras geográficas, expansão territorial e construção de impérios, de acordo com os objetivos empreendidos pelas grandes nações em determinado momento. A globalização seria vista nesse contexto como o agente consolidador de tendência imperialista, utilizando-se, para tanto, de dispositivos ordenadores da lógica do mercado e do capital.

ORTIZ (1994) amplia sua análise para além das questões de ordem econômica, procurando estabelecer diferenciação entre os termos mundialização e internacionalização, no campo cultural. De acordo com ele, a internacionalização da economia foi simplesmente a ampliação das atividades econômicas, ultrapassando os limites das fronteiras nacionais e geográficas dos países. A atual globalização econômica, ao contrário, reveste-se de caráter qualitativamente distinto, porque se apresenta como forma mais avançada e complexa da internacionalização, estendendo os seus limites à produção, à distribuição e ao consumo de bens e serviços que, no novo contexto, passam a ser organicamente pensados e engendrados a partir da visão mundial de mercado. A mundialização, por fim, circunscreve-se ao domínio específico da cultura, que deve ser pensada como totalidade e processo, e não, como simples fenômeno resultante da globalização. Sob essa ótica, conclui que o termo *cultura mundializada* deve ser empregado para designar as civilizações onde a territorialidade esteja submetida aos parâmetros globalizantes. Embora ligeiramente divergentes, essas análises nos fazem refletir que a questão cultural no novo mundo reveste-se de grande complexidade, porque estamos tratando de objeto que se manifesta no nível local-regional, mas que, em contrapartida, passa a ser visto como uma tendência mundial. Na ótica das ciências sociais, o homem é o sujeito do mundo que cria, na medida em que age e interage no espaço de convivência social. Assim, torna-se especialmente pertinente entender quem é esse sujeito local que passa a atuar no processo global e quais os resultados de sua ação objetiva dentro do mesmo processo.

MORIN (1996) afirma que atualmente a vida se processa em sociedades onde a autonomia do sujeito emerge a partir do momento em que ele faz a escolha de seus valores e inicia o processo de construção de identidade e significado através deles. Sabe-se que a identidade individual resulta de processo de diferenciação do *eu* em relação ao *outro* e do processo de construção das significações, daí advindo. Na formação da identidade social, por outro lado, há também a necessidade da convivência dos homens em torno de espaço comum e circunscrito – o território – onde as experiências vão-se somando e se incorporando ao cotidiano, gerando a memória coletiva.



Da percepção das diferenças surgem os modelos ou padrões culturais que caracterizam os grupos sociais – biológica, artística, lingüística e materialmente. A cultura é dinâmica, histórica e resulta da intervenção humana sobre o mundo e, por extensão, das escalas de valores que vão sendo criadas no cotidiano comunitário. De fato, CASTELLS (1999b) define a identidade como o processo de construção de significado com base em atributo cultural, ou mesmo em atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado, podendo haver, para o mesmo indivíduo, enquanto ser coletivo, identidades múltiplas. Já o significado, na sua visão, seria a identificação simbólica que se constrói em torno do fim último da ação praticada pelos *atores sociais*.

Todas essas análises remetem à necessidade de aprofundamento em relação à questão do problema da identidade cultural no mundo atual, especialmente porque o momento é marcado não apenas pela crise – significando escolha – mas, também, pela tendência aos paradoxos conflitantes, produtos de visões extremamente diferenciadas do que comumente se define como era global. ORTIZ (1994) chama a atenção para esse fato, quando afirma que o debate sobre a mundialização assenta-se em antagonismos e tendências concorrentes, nos quais a opção teórica por determinado pólo automaticamente implica na exclusão do outro. Identifica as terminologias local/global, fragmentação/unicidade, heterogêneo/homogêneo como os corolários desta visão. Continuando a análise, critica essa forma de pensamento dualista, que não dá conta da análise da totalidade da questão, em função do raciocínio excludente, que desconsidera, por exemplo, que o local não está necessariamente em contradição com o global, mas articula-se com ele.

Parece que as divergências de pensamento se instauram sempre que se adota a tendência a privilegiar determinado campo do saber intelectual, em detrimento da análise dos demais. Desse modo, as tendências economicistas vão debruçar-se sobre o tema da globalização e seus efeitos nas finanças mundiais. Por outro lado, as ciências humanas e sociais vão tentar identificar no homem, nos grupos e na cultura, a chave para entender o problema e propor soluções. Importa entender que, qualquer que seja a proposta de análise, ela deve passar pela reflexão ampliada acerca dos limites de atuação do global sobre o local e vice-versa, o que parece ser a tônica do momento.

PAIVA (1998, p. 12), por exemplo, reconhece que o ambiente comunitário está sendo cada vez mais invocado pelo indivíduo na sociedade globalizada. Esse fato ocorre possivelmente porque, ao defrontar-se com ordens tão variadas dentro do processo, o indivíduo aciona estruturas que lhe permitem reconhecer-se, evitando a sua pulverização pelo global. Não obstante, acrescenta que, quando se pensa nos interesses das organizações econômicas, a ótica é outra, porque

"o apelo à noção de comunidade não parte de nenhum 'rousseauianismo' (ou seja, nenhum impulso nostálgico na direção de um paraíso supostamente risonho), mas de tendência real-histórica das atuais reorganizações na vida social. Por exemplo, os técnicos de planejamento de organismos mundiais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), vêm insistindo na tecla da descentralização da execução das despesas sociais, com a indicação de que isso multiplica os efeitos dos investimentos e aumenta a produtividade dos projetos. 'Descentralização' aí implica o redimensionamento das macroorganizações societárias e inflexão no sentido do 'pequeno', que suscita a idéia de comunidade".

É claro que esse movimento não é ingênuo ou gratuito, uma vez que:

rapidamente, na pretensão de atingir o arquétipo de aceleração da velocidade da luz. A visão de BAUDRILLARD (1985), contudo, é crítica e considera que, na verdade, o que se tem é a "inflação de informação e a deflação de sentido" (apud PAIVA, 1998, p.44).

SANTOS (2000) também relativiza a idéia de velocidade, difundida no imaginário evocado pela globalização e suas técnicas, mostrando que somente algumas pessoas, firmas e instituições podem ser caracterizadas como velozes, aliando-se ao fato de que são também poucas aquelas que utilizam todas as "virtualidades técnicas das máquinas". De modo que grande maioria da sociedade vive hoje à margem desse mundo veloz e, erroneamente, a minoria acaba sendo representativa da idéia de totalidade.

De certa forma, ainda alheio a isso tudo, o homem conectado e interligado globalmente, na ótica do imaginário coletivo, tende a sentir-se cada vez mais atraído pelas modernas tecnologias da informação, acessadas de qualquer ponto do planeta. Mas, esse mundo ainda permanece enigmático e assustador, de modo que parece ser difícil para o indivíduo encontrar o seu verdadeiro lugar e compreender os limites de sua atuação objetiva.

Finalizando, o fato mais inegável nisso tudo é o de que:

"vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor que ele não pode prosseguir ad infinitum. O futuro não pode ser continuação do passado, e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de crise histórica. (...) Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto e (...) porquê. Contudo, uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão." (HOBSBAWM, 1995, p. 562)

4 Considerações finais

Inicialmente, é necessário considerar que o papel do Estado tem-se caracterizado atualmente pela omissão e pelo encolhimento crescente de suas funções sociais, econômicas e políticas originais, aumentando, por outro lado, a sua submissão aos interesses políticos das organizações financeiras na regulação da vida social. Outro ponto importante refere-se ao progressivo aumento da pobreza, aliado ao visível retrocesso da noção dos princípios de comunidade, coletividade e solidariedade. Isso se explica pelo fato de que, ao contrário da concorrência que caracterizou o velho capitalismo do início do século XX, a fase atual é marcada por nova modalidade de competitividade que induz a comportamentos antes condenáveis, e pelo aumento da produção e do consumo, exigindo postura agressiva, que reforça na sociedade comportamentos cada vez mais individualistas e menos solidários.

Nesse contexto, as tecnologias da comunicação e informação geram mudanças na relação do homem com o mundo. As informações passam a ser recebidas em tempo real, os produtos passam a ser transnacionais e, simultaneamente, as produções locais, regionais e nacionais já nascem globais, ou seja, o universal e o mundializado se sobrepõem ao singular e à identidade. Some-se a isso o fato de que as informações sejam resultado do que é veiculado pela *mídia* e de sua manipulação, visando muito mais ao poder e à dominação, do que à interação entre as pessoas.

É inegável que se vive em um mundo de *fronteiras porosas* – em nível econômico e político – ao mesmo tempo em que se convive com a exclusão estrutural e social de países, de etnias, de raças, de culturas e de cidadãos. A sociedade globalizada faz crer que haja união, quando na realidade o que existe é muito mais tendência à unificação sob a hegemonia do mercado global. As culturas nacionais e regionais tentam manter-se e atuar socialmente, resistindo ao domínio da sociedade global. Reconhece-se que a cultura popular vem persistindo, mas tende a ceder espaço para a cultura de massa, ditada pela globalização, onde os valores, hábitos e costumes locais vêm sendo substituídos por outros novos e necessários para o indivíduo adaptar-se às regras sociais vigentes. As relações sociais caminham para o impessoal e virtual e já não se conhecem as pessoas, mas as organizações. O mundo está hiper-especializado, alargado, automatizado, global. Respiramos modernidade... ou pós-modernidade!?

Não podemos, contudo, alardear o pessimismo, porque há que se considerar que a sociedade vem oferecendo serviços cada vez mais eficientes, produtos em crescentes níveis de excelência e os homens estão buscando melhor qualidade de vida. As novas tecnologias estão proporcionando verdadeira revolução em diversos campos da ciência. Em decorrência desse panorama, vale, a título de consideração final, lembrar que ainda há tempo de restaurar e reforçar a importância dos princípios de liberdade e igualdade, dos valores éticos, morais, culturais, lingüísticos e da identidade individual e coletiva. Não se pode negar que o que predomina hoje é o resultado de séculos de evolução humana, em busca de melhores condições de vida no planeta, ainda que se reconheça que os resultados dos progressos alcançados não tenham sido de todo satisfatórios ou mesmo compartilhados coletivamente. Conquanto desejemos não rarear a humanidade...

Globalization, culture and information society

This article aims at pointing some reflections on the process of culture 'wordilization', punctuating them in the economic context of globalization and also in the implementation of new technologies of information. As a basis for such a process we find the man, creator and creature, responsible for the production of his conscious actions in the world and inserted in the social context.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, Marcos César. Cidadania e direitos num mundo globalizado. *Perspectivas*, São Paulo, n. 22, 95-107, 1999.
CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999a. v.1.
CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999b. v. 2.
DRUCKER, Peter. O futuro já chegou. *Exame digital*. 22 mar. 2000. p.113-126.
GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
GUEDES, Olga; PAULA, Silas de. Sociedade da informação: o futuro (im)perfeito. *Fronteiras - estudos midiáticos*. v.1, n.1, p.132-144, dez.1999.
HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
HOBSBAWM, Eric. Renascendo das cinzas. In: BLACKBURN. (Org.) *Depois da queda*. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
MORIN, Edgard. *A noção de sujeito*. Novos paradigmas, cultura e subjetividade. São Paulo: Artes Médicas, 1996.
ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
SCHAFF, Adam. *A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Brasiliense, 1995.

Recebido em: 18/10/2000.

Perspect. cienc. inf., Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 97 - 105, jan./jun.2001

